



Ambiente On Line

Passeios comentados sobre as cavernas de Minas

Expedição à região cárstica revela beleza e destruição

Ambientalistas, pesquisadores e representantes do poder público percorrem a Linha Verde e mostram os segredos da região cárstica de Lagoa Santa



Vista da Gruta da Cerca Grande

A luta da Amda pela preservação do patrimônio natural da área [cárstica](#) de Lagoa Santa, notadamente na época da construção do aeroporto de Confins, é quase tão antiga quanto a entidade. Nos últimos anos a ong estabeleceu parcerias com associações de moradores da região e ambientalistas para somar esforços em prol da proteção do bioma.

Além de questionar a omissão do poder público na proteção desse patrimônio natural e histórico, as entidades organizaram uma expedição para mostrar *in loco* algumas das ameaças que avançam sobre a região com o chamado Vetor Norte de desenvolvimento em implantação pelo governo do estado.

A expedição percorreu a Linha Verde numa bela manhã de sábado, 24 de março, formada por vários carros, onde se encontravam pesquisadores, ambientalistas e jornalistas em direção à região cárstica de Lagoa Santa, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

“Carste é uma região com depósitos calcários e que por estar submetida a uma infiltração de água começa a sofrer uma dissolução por dentro formando grutas. Toda essa região é uma unidade de calcário muito grande, comum ao centro e norte de Minas, Sul da Bahia, alguns lugares do Espírito Santo, Goiás e São Paulo também”, explica o paleontólogo Mário Roberto, do Departamento de Zoologia da UFMG.

Expedicionários examinam pinturas rupestres

A importância dela? “Primeiro é o registro histórico, da história da terra, mostra como era essa região antes, como era o ecossistema, para a gente entender o que aconteceu antes, esse monte de fosséis, e entender como está hoje”, completa o professor.

Pelas janelas dos carros os passageiros observam o antigo Hipódromo Serra Verde, onde será instalado o [Centro Administrativo do Estado](#). Um empreendimento que trará junto, a expansão do Aeroporto de Confins, a Linha Verde, o Anel Viário de Contorno Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, distritos industriais e um pólo de microeletrônica. A parte ruim de tudo isso é o que preocupa os ambientalistas.



"Aqui já existem áreas de [expansão humana](#) bem próximas. Então o que queremos é que se faça um planejamento da região, com restrições grandes para que o ambiente não seja comprometido. Não só a expansão imobiliária, como a mineração também. Isto por ser um potencial arqueológico, espeleológico e paleontológico. E a tendência do vetor norte é a expansão do crescimento", alerta João Paulo Vasconcelos, membro do conselho da [APA](#) de Lagoa Santa.

Ao longo do trajeto, placas já anunciam loteamentos, indiferentes ao fato de estarmos numa APA – Área de Proteção Ambiental e Área de Preservação Especial - APE. Esta é uma das 16 áreas de importância biológica extrema do estado, devido à presença de aves migratórias, de um complexo de matas secas e presença de invertebrados, típicos do ambiente cárstico.

Milharal invade área de preservação permanente

Beleza destruída

Na primeira parada, no município de Matosinhos, a beleza da região encanta a todos. Lagoas coalhadas de plantas aquáticas e pássaros de diversos tamanhos. Os sumidouros, verdadeiros rios subterrâneos que somem e aparecem mais na frente e que são bastante sensíveis à ação do homem.



"Agora elas estão cheias, mas quando vão baixando, há concentração de microorganismos com a deterioração da matéria orgânica e a quantidade de aves à procura de alimentos vai aumentando a cada dia. Patos, marrecos e colhereiros, às vezes o tuiuíú, muitos maçaricos vêm de longe, da América do Norte fugindo do inverno", observa o pesquisador.

"Esta é a Lagoa Maria Helena; aquela é a Lagoa do Sapo e há um monte de outras lagoas. Lá no horizonte é a Serra Geral, parte da Serra do Espinhaço, que começa em Ouro Preto e vai até o Nordeste do país. Aqui é o centro de uma planície tipicamente cárstica. Uma somatória de valas e dolinas, onde há uma grande concentração de grutas, a outra é quase imperceptível. As partes fundas concentram água da chuva que alimenta a bacia do Rio das Velhas ao longo do ano", explica o mobilizador do [Projeto Manuelzão](#) no Ribeirão da Mata, Procópio de Castro.

Procópio, que mora no município de Matosinhos, é testemunha do que acontece na região: "Há um determinado período do ano em que as pessoas vêm aqui para catar filhotes de papagaio verdadeiro. Eles param de trabalhar na roça para buscar araras, maritacas, maracanãs, tucanos, que já estão em extinção em toda a região calcária. Orquídeas e bromélias são alvos da coleta predatória. Isto se vê nas feiras e eventos regionais."

"Naquele loteamento de Matosinhos, aponta o ambientalista, o pessoal de baixa renda chega aqui e não tem emprego. Pra comprar gás a 30 reais é caro. Então elas vão catando a lenha. Isso são dez, trinta pessoas por dia, toda semana, trabalho de formiguinha. Uma coisa são os grandes proprietários, grandes desmatamentos, a outra é quase imperceptível. Sem falar nos agrotóxicos usados na agricultura que propiciam o aumento de algas azuis em várias lagoas. Teria que ter pelo menos cem metros de área protegida nas margens", conclui Procópio.

Mas não tem. O que os membros da expedição viram foram dolinas desmatadas, transformadas em pasto e com plantio de milho até a beira da água. Áreas de mineração de cimento e cal e expansão urbana. Por isso, os ambientalistas defendem a ampliação da zona de amortecimento em torno das várias unidades de conservação existentes na região, na tentativa de preservar a área de forma definitiva.



Vestígios arqueológicos em área de cultivo agrícola

Ocupação do solo

Para o [Coordenador das Promotorias dos Patrimônios Cultural e Turístico de Minas Gerais](#), Marcos Paulo de Souza Miranda, que também integrou a expedição, "lei de proteção tem de sobra, o problema é que o estado não tem conseguido fazer cumprir a sua missão de fiscalizar o cumprimento dessas normas. Há necessidade de se investir em infra-estrutura dos órgãos ambientais e penso que na Região Metropolitana de Belo Horizonte, deva existir um órgão específico para fiscalização, porque os municípios que não têm a capacitação técnica necessária não controlam o parcelamento do solo urbano. Há um desrespeito muito grande".

O promotor exemplifica com o [Parque Estadual do Sumidouro](#), uma unidade de conservação criada pelo estado em 1980 e que até hoje não tem um metro quadrado de terra integrado efetivamente ao patrimônio do estado. O parcelamento do solo urbano chegou no interior do parque devido à pressão imobiliária. "Se não houver trabalho preventivo, com certeza, os danos serão irreparáveis", prevê Marcos Paulo Miranda.

Ele informa que o Ministério Público tem trabalhado em parceria com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente – [SEMAD](#), para que seja implantada uma política de defesa e proteção do patrimônio ambiental, cultural e turístico da região, de uma forma global. "Para que a gente não tenha que efetuar as ações pontuais, para que haja planejamento e prevenção dos danos, porque dano ambiental, uma vez consumado é de difícil, senão impossível, reparação", conclui o promotor.

Pinturas rupestres na Gruta Cerca Grande

Beleza roubada

A expedição prosseguiu em direção às grutas. Primeiro na Lapa do Balé, um sítio arqueológico muito importante no contexto de toda a região cárstica de Lagoa Santa, conforme explica a arqueóloga Alenice Baeta. No teto e nas paredes há desenhos deixados por tribos primitivas que parecem movimentar-se numa dança, num ritual de fertilidade. O sítio que já foi bastante estudado por arqueólogos, incluindo [Peter Lund](#), foi danificado por pichações feitas por visitantes, antes de ser transformado em área de preservação permanente e fechado para visitação.



Em seguida, a expedição visitou a gruta de Poções, antigo Curral de Pedra. O local serviu de pouso para tropeiros e descanso para o gado, antes de seguirem viagem para a antiga Curral Del Rey, atual Belo Horizonte. A caverna possui passagens e caminhos, esculpidos em milhares de anos pela ação da água.

Mais à frente, escondida por uma floresta de gameleiras, a lapa de Cerca Grande é como um castelo de pedra encravado num bloco de calcário. A gruta possui vários túneis interligados, que formam um labirinto de cavernas, que terminam à meia altura do imponente paredão como grandes janelas. Nas paredes internas há inúmeras pinturas rupestres dos homens primitivos, alvo de pichações feitas por visitantes despreparados. A importância de Cerca Grande aumenta por abrigar também um ninhal de papagaios e maritacas, em constante algazarra.